

Sintomas Ma Rbidos A Encruzilhada Da Esquerda Bra

Getting the books **Sintomas Ma Rbidos A Encruzilhada Da Esquerda Bra** now is not type of inspiring means. You could not single-handedly going next book heap or library or borrowing from your connections to contact them. This is an certainly simple means to specifically acquire lead by on-line. This online revelation Sintomas Ma Rbidos A Encruzilhada Da Esquerda Bra can be one of the options to accompany you behind having additional time.

It will not waste your time. recognize me, the e-book will unconditionally song you supplementary issue to read. Just invest tiny time to retrieve this on-line pronouncement **Sintomas Ma Rbidos A Encruzilhada Da Esquerda Bra** as competently as review them wherever you are now.

<i>Sintomas Ma Rbidos A Encruzilhada Da Esquerda Bra</i>	<i>2020-05-28</i>
NOVAK STEWART	

Tópicos de Sociologia do Direito e do Estado
Autonomia Literária

O pensamento de Roberto Mangabeira me fascinou, isso já nos anos 1980, porque vi nele um modo insólito de expressar-se o Brasil e a esquerda. A partir de um artigo seu que li na imprensa, em que ele, então brizolista como eu, analisava a diferença entre a política ligada ao trabalho organizado, nascida do sindicalismo desenvolvido nas regiões mais ricas do país, e a mirada mais ampla, desafiadora, na direção das maiorias desorganizadas do povo brasileiro, procurei primeiro acompanhar seus textos, onde os encontrasse, e logo tentar chamar a atenção de outros leitores para eles. Eu o mencionava nas entrevistas que dava. Por mais de ano vi tais menções serem cortadas de suas transcrições impressas. A originalidade do conteúdo do que Mangabeira dizia mostrou ter mais força sobre mim do que as razões esboçadas pelos que o rejeitavam. Neste livro... pessoas interessadas em questões políticas, nas possibilidades do Brasil – ou mesmo nos problemas básicos da humanidade – encontrarão desafios mentais fecundos.

Se quiser mudar o mundo
Autonomia Literária

Entre salas e celas é um retrato do cotidiano de audiências criminais sob a visão do juiz. O drama da decisão, a prisão injusta que se revela no meio do processo, a violência, o medo e a desesperança dos que frequentam o habitat. Uma coletânea de personagens que a própria ficção não seria capaz de reunir: o bilheteiro fanho do cine pornô que é testemunha chave de um crime, a vítima que sobrevive com uma faca cravada na garganta, o bom ladrão que alerta a polícia sobre a fuga do preso que assiste do banco dos réus. Mulheres estraçalhadas pelas violências da vida e da lei. O choro de Kátia, moça pobre, parda e triste, acusada injustamente de grande traficância. A sombra dos dentes do assaltante que apavora a idosa por todas as noites. Cinco anos entre as duas audiências da jovem Bianca molestada de pai e mãe. A linha tênue que separa a vida e a morte. Um oficial cheio de justiça que chega em cima da hora para salvar o magistrado de uma catástrofe. O jovem drogado que rouba para não morrer. O preso que assiste inerte ao infarto de sua mãe, durante o próprio interrogatório. Estas e outras crônicas recheiam o livro que registra, sobretudo, o aprendizado de um juiz e a sensibilidade que tantos dramas humanos e histórias desperdiçadas lhe permitem adquirir.

Espectros da Ditadura
Autonomia Literária

Após 1989, o capitalismo se apresentou com sucesso como o único sistema político-econômico aparentemente viável no mundo – uma situação que só começou a ser questionada para fora dos círculos mais duros da esquerda a partir da crise bancária de 2008, quando começa-se a entender a urgência de se desmontar a ideia de que "não existe alternativa". Este livro, escrito pelo filósofo e crítico cultural britânico Mark Fisher, desnuda o desenvolvimento e as principais características do "realismo capitalista", conceito que delinea a estrutura ideológica em que estamos vivendo. Usando exemplos de política, filmes, ficção, trabalho e educação, argumenta que o "realismo capitalista" captura todas as áreas da experiência contemporânea. Mas também mostra que, devido a uma série de inconsistências e falhas internas ao programa de realidade do Capital, o capitalismo é, de fato, tudo — menos realista. "Realismo capitalista" revela que a ideologia está hoje assentada positiva e diretamente na crueza material do capital. Sobre um chão a partir do qual não se veem alternativas no horizonte, ocorre que é possível revolver o solo: a fratura e a revolução estão estruturalmente sob os pés. — Alysson Leandro Mascaro, professor da USP "Um clássico cult". -- Hua Hsu, The New Yorker "Uma leitura rápida e divertida". — Socialist Standard "Uma leitura provocativa e necessária... para quem quiser falar seriamente sobre a política da educação hoje". — Times Higher Educational Supplement "Mark Fisher foi o líder intelectual de uma geração" — Alex Niven, New Staterman "Mark Fisher foi prolífico, penetrante, espirituoso, humano e onívoro" — Meagan Day, Jacobin

Tarifa Zero
Autonomia Literária

Quem diria que Euclides da Cunha, o mais renomado intelectual militar do Brasil, era um socialista? Assim como Lima Barreto, Oswald de Andrade, Tarsila Amaral e outros grandes literatos brasileiros, Euclides também teve sua militância política apagada da história. Poucos sabem, mas o autor do clássico Os Sertões foi preso e expulso do Exército, em 1888, por um ato de rebeldia ao quebrar seu sabre numa cerimônia com o ministro da Guerra do Império, Tomás Coelho. Após esse ocorrido, o ex-militar largou a farda e se envolveu com ideias mais iconoclastas, passando a assinar seus artigos e crônicas no jornal A Província de São Paulo, antigo Estadão, com o pseudônimo do anarquista Joseph-Pierre Proudhon, a quem se referia como um dos pensadores mais originais de seu tempo. Dois anos depois de ter publicado sua obra mais renomada, em 1904, Euclides começa a defender o legado intelectual do comunista alemão Karl Marx, "este inflexível adversário de Proudhon", quando lembra, num artigo histórico, que: "o caráter revolucionário do socialismo está apenas no seu programa radical. Revolução: transformação. Para conseguir, basta-lhe erguer a consciência do proletário (...) Porque a revolução não é um meio, é um fim; embora, às vezes, lhe seja um meio termo, a revolta. Mas esta sem a forma dramática e ruidosa de outrora. As festas do primeiro de maio são, quanto a este último ponto, bem expressivas. Para abalar a terra inteira, basta que a grande legião em marcha pratique um ato simplíssimo: cruzar os braços... Porque o seu triunfo é inevitável".

Como nasce e morre o fascismo
Autonomia Literária

No livro Austeridade – A História de Uma Ideia Perigosa, Mark Blyth oferece ao leitor uma sólida argumentação construída a partir de uma constatação tão óbvia quanto ausente das análises dos economistas convencionais. Blyth desvela as razões das políticas de austeridade que se seguiram à crise de 2008. "A Europa precisa ser austera porque os balanços financeiros dos Estados nacionais têm que funcionar como amortecedores de choques para o conjunto do sistema...Primeiro ocorreu a crise bancária, depois uma crise das dívidas soberanas. Mas isso é o efeito, não a causa". Os bancos centrais e os Tesouros Nacionais mobilizaram seus balanços para socorrer os bancos quebrados, o que resultou na expansão dos déficits e dívidas dos Estados. São saborosos os capítulos do livro que avaliam a história da Ideia Perigosa. No âmago dos enganos e desenganos, está o autoengano do ideário liberal. Nos momentos de crise, o liberalismo econômico aponta invariavelmente o dedo acusador para o Estado irracional e gastador. Blyth inicia a investigação histórica da Ideia Perigosa com a análise cuidadosa dos escritos de Locke, David Hume e Adam Smith. Críticos do mercantilismo, os três ícones do pensamento liberal advogam a regra inviolável do orçamento equilibrado, independentemente das flutuações cíclicas da economia. Esse dogma associou-se às

crenças do padrão-ouro para sacralizar o mercado auto- regulado e bloquear as ações estabilizadoras dos governos. Depois da Grande Depressão, Keynes justificou teoricamente as políticas fiscais e monetárias destinadas a recuperar as economias prostradas. Mas, atenção: a austeridade, ademais de perigosa, é uma ideia persistente. Derrotada por Keynes, ela voltou vitoriosa nos braços dos corifeus do neoliberalismo, de Milton Friedman a Robert Lucas. — Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo (economista e professor da UNICAMP)

Austeridade
Editora Mucuripe

A presença crescente de organizações fascistas e de extrema direita no Brasil e no mundo tem despertado interesse de uma nova geração de ativistas. Perguntas importantes tem surgido: o que é o fascismo? Por que ele é uma ameaça tão mortal? Como é possível combatê-lo? É possível neutralizá-lo? Em 1923, o fascismo era um fenômeno recente que chegava ao poder na Itália. Diante de muita confusão e incerteza, a marxista alemã Clara Zetkin explicou a natureza deste novo perigo, propondo um amplo plano de unidade de todas as vítimas do capitalismo para combater a ameaça fascista. Os escritos de Clara neste livro apresentam as primeiras análises sobre o fascismo e revelam as principais articulações de resistência contra ele.

Marx selvagem
Autonomia Literária

Desde que existe o fascismo, existe o antifascismo – também conhecido como "antifa". Nascido da resistência a Mussolini e Hitler na Europa durante os anos 20 e 30, o movimento antifa chegou subitamente às manchetes em meio à oposição ao governo Trump, a ascensão da alt-right e o ressurgimento de grupos de supremacistas como o Klu Klux Klan. Em uma inteligente e emocionante investigação, Mark Bray, historiador e um dos organizadores do Occupy Wall Street, nos oferece um olhar único de dentro do movimento, incluindo uma pesquisa detalhada da história da antifa desde suas origens até os dias de hoje – a primeira história mundial do antifascismo no pós-guerra Baseado em entrevistas com antifascistas de todo o mundo, o livro detalha as táticas do movimento antifa e a filosofia por trás dele, oferecendo insights sobre a crescente, mas ainda pouco compreendida, resistência contra à extrema-direita.

Pesadelo
Editora Autonomia Literária LTDA - ME

Autores: João Victor Esteves Meirelles, Renata Possi Magane, Renato Afonso Gonçalves, Antonio Celso Baeta Minhoto, Cláudio José Langroiva Pereira, Édson Luís Baldan, Eduardo Samoel Fonseca, Anderson Bezerra Lopes, Fernando Augusto Henriques Fernandes, Fernando Hideo lochida Lacerda, Alessandro Soares & Gabriela Shizue Soares de Araujo, Georges Abboud, Gilney Batista de Melo, James Hermínio Porto da Silva, Antônio Carlos de Almeida Castro & Marcelo Turbay Freiria, Lenio Luiz Streck, Leonardo Isaac Yarochevsky, Marcelo Semer, Marcio Sotelo Felipe, Marina de Mello Gama, Vitor Marques, Nathalia Penha Cardoso de França, Pietro Alarcón, Rafael Tubone Magdaleno, Rômulo Monteiro Garzillo, Rubens Casara, Ricardo Marcondes Martins, Emerson Gabardo, Giulia De Rossi Andrade, Sean Abib, Weida Zancaner, Celso Antônio Bandeira de Mello, Paola Cantarini Guerra, Willis Santiago Guerra Filho, José Emilio Medauar Ommati, Márcio Cammarosano, Marcus Vinícius de Andrade, Renato Afonso Gonçalves. Organizadores: Anderson Bezerra Lopes, Eduardo Samoel Fonseca, João Victor Esteves Meirelles Leandro Pachani, Renata Possi Magane, Sean Abib
Pró
Autonomia Literária

Neste livro excepcional, o ex-ministro grego das Finanças no governo do Syriza, Yanis Varoufakis, um dos maiores expoentes antiausteridade na Europa, destrói o mito de que a regulamentação dos bancos é ruim para a saúde econômica. Com rigor e profundidade, ele demonstra como a ganância global do setor financeiro foi a principal causa da última crise econômica. Para ilustrar, Varoufakis recorre à imagem mitológica do Minotauro: uma monstruosidade financeira que não deveria existir e, por tal motivo, vive reclusa em um labirinto, exigindo periódicos sacrifícios dos humanos. Após a bulímia que causou o colapso de 2008 – uma crise pior que a Grande Depressão de 1929 e mais dramática internacionalmente que a crise do petróleo nos anos 1970 –, a besta se reergue levantando junto novas dúvidas: como os principais responsáveis pela crise saíram ainda mais poderosos? O que levou os Estados a torrarem suas reservas e comprometerem seus orçamentos para salvá-los? Varoufakis explica com clareza a falência deste complexo sistema que nos jogou na presente crise. E mais do que identificar o caminho deste processo kafkiano, aponta as saídas para reintroduzir a racionalidade numa ordem econômica altamente irracional, jogando luzes neste labirinto histórico no qual se encontram não apenas os gregos, mas também todo mundo, inclusive os brasileiros.

Maió de 68
Editora Autonomia Literária LTDA - ME

Como os bancos registram lucros bilionários em plena recessão e desemprego? Neste livro, Ladislau Dowbor investiga como a riqueza do mundo – minérios, petróleo, trabalho, alimentos –, produzida pelo trabalho, é capturada pelos bancos e seus intermediários financeiros. Com uma vasta pesquisa, Ladislau revela os mecanismos usados pelas corporações financeiras, com estruturas que muito se assemelham a governos, para exercer o poder político diretamente e influenciar as principais decisões dos poderes públicos. O resultado não poderia ser diferente: esterilizam a riqueza produzida pela sociedade para multiplicá-la somente em seu próprio benefício, por meio de investimentos financeiros que não criam novas tecnologias nem geram novos empregos. Ladislau demonstra por que o mercado considera positiva qualquer atividade que gere lucro – ainda que trave a economia e produza prejuízos sociais e ambientais – para enviar seus recursos, a salvo de impostos, a paraísos fiscais. O livro destrincha como a financeirização dilacera as economias no Brasil e mundo afora ao forçar os governos eleitos a cumprir agendas refutadas pelas urnas. Sobretudo quando desviam grande parte do orçamento público para o pagamento de juros da dívida, engordando ainda mais as forças do capital financeiro em detrimento de políticas públicas de saúde, educação, previdência.

Construindo a Comuna
NYU Press

O livro América Latina na encruzilhada é um balanço, nem sempre otimista e alentador, das duas últimas décadas de transformações em nosso continente. Após uma euforia inicial, parecida com aquela experimentada nos primeiros anos da Unidade Popular com Salvador Allende no Chile em 1970-1973, uma série de governos populares na Argentina, Brasil, Bolívia, Equador e, ainda uma vez, no Chile, fez ressurgir a possibilidade de mudanças profundas num continente onde, desde suas origens, a colonidade parecia ser um destino inexorável. No entanto, uma série de golpes, mesmo que com novas roupagens, primeiro em Honduras, depois no Paraguai, Brasil e Bolívia viria explicitar que mesmo os governos ditos "populares e progressistas" e suas agendas reformadoras, no âmbito do capitalismo, não tinham condições de avançar numa sociedade rigidamente classista, desigual, racista e marcada por um profundo egoísmo histórico. Os autores reunidos neste livro, para além de

um balanço histórico dos avanços e recuos dos movimentos populares, se lançam à complexa tarefa de questionar as razões históricas – e portanto, suscetíveis de transformação – que ainda hoje condenam os povos latino-americanos a viver em Estados marcados por uma "sub-soberania", sujeitos a uma condição colonial, controlados por uma elite mesquinha e desprovida de qualquer projeto nacional. Para tal, os pesquisadores fazem uma "interpelação do Estado" na América Latina, de sua natureza e limitação, de seu caráter de classe, de sua incapacidade de deslocamento em direção aos grupos subalternos, populares, às grandes majorias étnicas historicamente exploradas, às minorias de gênero e regionais. O livro em questão é uma reflexão sobre a perda da inocência teórica, um passo em direção à superação das utopias e da maturidade política. Trata-se de sair do sonho e adentrar no mundo real: o que representa ganhar eleições hoje na América Latina? O que representa a liberdade de expressão? Qual a importância do jogo político parlamentar? Todas estas questões são colocadas, sem sectarismos, em dimensão teórica rigorosa, sem perder de vista a relevância da educação política, da organização autônoma das classes trabalhadores e do debate político corretamente fundamentado. A "encruzilhada" atual da América Latina implica em caminhos múltiplos e simultâneos e no entendimento do poder sempre renovado e ampliado, que as elites usam constantemente para manter seu controle sobre a sociedade. Este livro, quicá, represente um passo na retomada do debate americanista fundamental, que havia se perdido no Brasil, sobre a tragédia que se abateu sobre o nosso continente e as possibilidades de retomada da crítica e da ação pelos povos latino-americanos. Francisco Carlos Teixeira da Silva, professor Titular de História Moderna e Contemporânea/UFRJ e professor Emérito da ECEME. Ganador do Prêmio Jabuti 2014. **ANTIFA - O Manual Antifascista**, Mark Bray Editora Autonomia Literária LTDA - ME

"Mobilidade antirracista" coloca em questão um dos aspectos mais importantes e menos discutidos do racismo: a espacialidade. O racismo é relação social e, como toda relação, se materializa em um espaço constituído por determinadas condições históricas. Pensar a "raça" de forma crítica é, portanto, considerá-la um construto socioespacial. Com efeito, características físicas e práticas culturais são apenas o dis-positivo que faz atuar sobre os indivíduos uma série de mecanismos de controle e de dominação. O tratamento dispensado pelo presente livro à questão da mobilidade urbana nos leva a refletir como o racismo opera na configuração dos espaços e na determinação das condições com que os corpos se movimentam em cidades organizadas pela lógica da exploração capitalista. Por isso, a luta antirracista consiste na formulação teórica e na realização de práticas políticas que quebrem as interdições raciais e de classe. – Silvío Luiz de Almeida, presidente do Instituto Luiz Gama, doutor em direito, professor e advogado. "A partir de 2018, o brasileiro passou a gastar mais com transporte do que com alimentação, perdendo apenas para os gastos com habitação. Em média, 18% dos ganhos dos assalariados se destinam ao transporte. Quanto menor o rendimento das famílias, maior o percentual de gasto com o transporte público; quanto maior o rendimento, maior o gasto com compras de veículos." – Talíria Petrone, deputada federal pelo PSOL-RJ e prefaciadora do livro. "Que diante dos abismos aprofundados com a Covid-19, com este livro possamos conduzir os trens da resistência para vencermos a pandemia do racismo, do sexismo e da segregação espacial brutal que se abate sobre o nosso povo." – Vilma Reis, socióloga, ativista do Movimento de Mulheres Negras e cofundadora da Coletiva Mahin Organização de Mulheres Negras.

Euclides socialista Planeta Estratégia

Surge nas principais economias do mundo nova vanguarda da produção, a economia do conhecimento. Em cada setor da economia, porém, aparece como franja que exclui a grande maioria de trabalhadores e empresas. O resultado da exclusão é deprimir o crescimento e agravar a desigualdade. Seguindo o exemplo de Adam Smith e Karl Marx, para quem a melhor maneira de compreender o regime econômico e suas possibilidades de transformação é estudar a produção mais avançada da época, Roberto Mangabeira Unger analisa o que a economia do conhecimento é e o que ela pode vir a ser. Para Mangabeira, o aprofundamento das produções de vanguarda e sua disseminação – o vanguardismo incluyente – são obras gêmeas. Juntas, têm potencial revolucionário: acelerar o crescimento, reverter a desigualdade e empoderar todos os participantes no processo produtivo. Para operar esta transformação, é preciso mudar não apenas práticas produtivas e instituições econômicas, mas também a educação, a cultura e a política. É preciso também contar com ideias que a teoria econômica estabelecida não fornece. Mangabeira esboça as grandes linhas destas alternativas de organização social e de pensamento econômico.

Por que as mulheres tem melhor sexo sob o socialismo Editora Autonomia Literária LTDA - ME

O empreendimento de Jean Tible é ousado e original. Como promover um encontro entre a teoria marxiana, tendo em conta sua filosofia da história, com os povos ditos selvagens, que não se resignam ao triste papel de resíduos arcaicos de um processo histórico destinado ao "progresso"? O presente trabalho não é um exercício de especulação teórica, mas responde a um contexto preciso em que etnias indígenas da América Latina assumem um protagonismo geopolítico, obrigando a esquerda tradicional do continente a rever seus dogmas sobre o estatuto da produção, do desenvolvimento, do próprio Estado. Ao traçar uma ponte entre a sociedade sem Estado vislumbrada por Marx e a sociedade contra o Estado de Clastres, o autor dá sua tacada inicial, contrarrestando a subordinação da categoria de selvagens aos clichês da dialética histórica. Em um suplementar, relativiza a dicotomia entre Marx e o perspectivismo ameríndio, extraindo um devir-índio no autor de O Capital. Não se trata de uma mascarada filosófica, tal como o fez Deleuze ao pinçar um Hegel filosoficamente barbudo e um Marx imberbe, na esteira do bigode da Gioconda, mas sim de uma aposta política. Viveiros de Castro, Davi Kopenawa e toda uma antropologia reversa desempenha aqui um papel crucial, ao evitar que a articulação entre as lutas ameríndias e as ciências sociais se dê sob o modo da sujeição ao eurocentrismo apoiado na transcendência e na representação. Fazendo um uso heterodoxo de Mariátegui, Benjamin, Mauss, Lévi Strauss, Ósvald, Negri e tantos outros, é todo um paradigma ocidental que se vê aqui canibalizado e colocado em xeque, ao sabor e no frescor de uma pesquisa que aceita pensar-se à luz dos combates do presente. – Peter Pál Pelbart

Revista Outubro - Inverno 2020 Autonomia Literária

Desde 2011, uma onda de levantes populares tem varrido o planeta, ganhando forma em movimentos como Occupy Wall Street nos EUA, a Primavera Árabe na África e Oriente Médio, o 15M na Espanha e os protestos anti-austeridade na França e Grécia. As demandas eram variadas e antes de serem esmagadas, neutralizadas ou capturadas pela direita anti-revolucionária, demandavam um comprometimento firme com as ideias da democracia radical. Em um país a direita não conseguiu retomar ao poder em conluio com as forças imperialistas: na Venezuela. Exatamente onde, há trinta anos, surgiram movimentos semelhantes ao que sacudiram o mundo após a crise de 2008. No mesmo período em que a esquerda europeia entrava em declínio, moradores das favelas se levantaram em uma rebelião popular contra as crises do neoliberalismo – o Caracazo – fazendo surgir um governo que institucionalizou as comunas que já ganhavam forma organicamente. O livro Construindo a Comuna, de George Ciccariello-Maher, viaja por estes experimentos radicais, conversando com uma ampla gama de ativistas comunitários, trabalhadores, estudantes e funcionários públicos. Avaliando os erros e acertos do projeto, o livro traz ensinamentos e inspirações para os movimentos radicais dos dias de hoje. "George Ciccariello-Maher nos lembra das realizações extraordinárias das comunas venezuelanas em estimular a democracia direta nos locais de trabalho e moradia. Independente das tormentas que virão, elas representam o mais alto nível

de auto-organização popular na história moderna da América Latina" Mike Davis, autor de Planeta Favela "Um livro ligeiro e importante, que eleva ao palco central as ambições das pessoas comuns em se autogovernar" Vijay Pashad, autor de Estrela Vermelha sobre o Terceiro Mundo "A maioria da esquerda marxista mundial desconhece o processo de auto-organização popular que se desenvolveu na Venezuela. Predomina, equivocadamente, a percepção que se trata de uma intervenção do Estado para controlar e manipular as massas populares. A leitura deste livro é, portanto, esclarecedora, porque, felizmente, o que prevaleceu na experiência prática de milhões foi a lição de que 'só o povo pode salvar a si mesmo', como dizem os ativistas venezuelanos" Valerio Arcary, autor de O Martelo da História "Sintonizando as formas com que direita e esquerda exploram as ruas e as redes sociais, Construindo a Comuna é essencial para a esquerda renovar seus debates de táticas e estratégias na construção do poder coletivo" Jodi Dean, autora de Crowds and Party "Na era pós-chavista da Venezuela, uma instituição pouco conhecida se sobressai como depositária das aspirações populares: a comuna. Ciccariello-Maher descreve brilhantemente suas atividades sob o pano de fundo de conflitos políticos crescentes. Leitura essencial para todos aqueles ansiosos quanto ao futuro da Venezuela" Richard Gott, autor de Hugo Chávez and the bolivarian revolution "Entre 2014 e 2018, foram as comunas e o povo chavista que enfrentaram a direita armada nas ruas e nas barricadas, que lutaram contra a tentativa de dividir o exército e dar um golpe militar, que votaram na Constituinte de Maduro. Sem eles, Maduro e o exército não teriam resistido à direita, que conta com o apoio dos EUA, da Europa e do Grupo de Lima, assim como do Brasil de Jair Messias Bolsonaro. A Venezuela, sem o chavismo e seu povo, já teria tido o mesmo destino do Iraque e da Líbia." José Dirceu, prefaciador da edição brasileira

Síntomas Mórbidos: A Encruzilhada Da Esquerda Editora Autonomia Literária LTDA - ME

Este é um livro para quem quer mudar o mundo. Para quem sente que está tudo de pernas para o ar. Para quem se cansou de só ouvir notícias ruins e quer soluções para os desafios que atravessam a sociedade. Mas, antes, é preciso saber algumas coisas importantes. Por isso, este também é um guia didático e introdutório dos principais conceitos de política, sem abrir mão de sua complexidade. Aqui, não há passo a passo nem receita de bolo. Muito pelo contrário: há muitas perguntas. Sobretudo, esta obra é radical. Ela propõe transformar o mundo, mas não de qualquer jeito. Nela, há uma caixinha de ferramentas para que seja possível provocar mudanças profundas. Este livro, portanto, também é um chamado. Um convite para se pensar alternativas, encarar dificuldades políticas e instigar os que sonham com um futuro melhor para si e para os outros. Pois, afinal de contas, como a autora Sabrina Fernandes nos lembra, a situação está complicada e, mais do que nunca, o mundo está precisando de gente que se importa.

Terrorismo ocidental Autonomia Literária

Outubro é uma revista acadêmica de intervenção teórica e política, aberta à colaboração de ativistas e intelectuais socialistas. Publicada há mais de vinte anos, a Outubro acompanha de maneira crítica e criativa os desafios postos pela crise do capitalismo e as formas de resistência dos movimentos sociais, no Brasil e internacionalmente. Uma revista que pretende estar na linha de frente ao lado dos grupos sociais explorados, precarizados, oprimidos, das mulheres, da negritude, da população LGBTQI+ e da defesa do meio ambiente. Esta edição marca o retorno da Outubro para formato impresso em uma parceria inédita com a editora Autonomia Literária.

Democracia e Crise Autonomia Literária

Admirado por alguns, condenado por outros e temido por todos – o poderio militar do Ocidente é inegavelmente colossal. Em Terrorismo ocidental, o intelectual de renome mundial Noam Chomsky discute o poder e a propaganda do Ocidente com o cineasta e jornalista investigativo Andre Vltchek. O livro oferece a introdução perfeita ao pensamento político de Chomsky com uma abordagem acessível para quem deseja compreender melhor o importante papel do Ocidente no mundo, em um momento no qual a tragédia do Afeganistão nos faz lembrar as consequências aterrorizantes do imperialismo. Começando com histórias sobre as bancas de jornais de Nova York, onde Chomsky começou sua educação política quando adolescente, a discussão se amplia para abordar o colonialismo, o controle imperial, a propaganda, a Primavera Árabe e a guerra de drones. Chomsky e Vltchek formulam uma crítica poderosa do legado do colonialismo em muitos países, como Síria, Nicarágua, Cuba, China, Chile e Turquia. Atualizado com um novo prefácio de Chomsky, Terrorismo ocidental continua a ser uma crítica influente e poderosa do papel do Ocidente no mundo, inspirando todos os que o lêem a pensar de forma independente e crítica. "Noam Chomsky é indiscutivelmente o intelectual vivo mais importante hoje." – New York Times "É uma leitura absolutamente essencial para quem deseja compreender o contexto atual da geopolítica contemporânea, revelando as histórias muitas vezes ocultadas que a deram origem ao problemas atuais, bem como destacando as questões urgentes que o mundo enfrenta e que geralmente são ignoradas." – Joe Turnbull, inkneedles.com "É uma leitura esclarecedora, provocativa e reveladora e é um antídoto bem-vindo para a infinidade de livros e filmes sobre os 'horrores' do comunismo." – John Green, Morning Star "Chomsky é sem dúvida um dos maiores pensadores radicais e devemos dar-lhe crédito pela humildade e curiosidade que demonstra ao longo do livro." – Resenha de Livros de Marx e Filosofia

Bitcoin Autonomia Literária

O neoliberalismo está se fragmentando, mas o que surgirá entre seus cacos? A principal teoria política feminista do século XXI, Nancy Fraser, diseca a atual crise do neoliberalismo e argumenta como poderíamos arrancar novos futuros de suas ruínas. O colapso político, ecológico, econômico e social global – simbolizado pela eleição de Trump, Bolsonaro e outros governantes de extrema-direita que dizem ser antiestablishment, embora façam parte dele – destruiu a fé de que o capitalismo neoliberal pode beneficiar a maioria do povo dentro da democracia. Fraser explora como essa fé foi construída no final do século XX, equilibrando dois princípios centrais: reconhecimento (quem merece direitos) e distribuição (quem merece renda). Quando eles começam a se desgastar com as sucessivas crises nas primeiras décadas do século, novas formas de populismo surgem à esquerda, para os 99%, e à direita, para o 1%. Fraser argumenta que esses são sintomas da maior crise de hegemonia do neoliberalismo, um momento em que, como Gramsci disse, "o velho está morrendo e o novo não pode nascer". O livro é acompanhado de uma belíssima entrevista do editor da revista Jacobin, Bhaskar Sunkara, com Fraser, que argumenta termos a oportunidade de transformar o populismo progressista em uma força social emancipatória, podendo, assim, reivindicar uma nova hegemonia.

América Latina na encruzilhada Autonomia Literária

Um livro necessário. Num país que lida mal com seu passado, a literatura pode oferecer caminhos para compreender os pesadelos que hoje nos afligem e nos surpreendem e não deveriam porque, afinal, não há presente vivido por nenhuma sociedade que não plante suas raízes num passado próximo ou distante. Tudo o que se escreveu sobre os anos de chumbo é ainda insuficiente para lançar luz sobre a extensão – e a profundidade – da tragédia imposta à sociedade brasileira no período 1964-1988, quando o país voltou a contar com uma Constituição Liberal Democrática. Essa é uma obra de ficção. E o autor trata de explicitá-lo já na Advertência que abre o livro em que os personagens são arrancados da vida compartilhada por ele em diferentes presídios para compor, como metáfora, o painel da barbárie que o país escondeu de si mesmo e segue como exigência para alcançar um patamar mínimo do que se poderia definir como uma sociedade civilizada. Ficção é chamada a decifrar e compreender as múltiplas faces dos dramas que o relatório dos inquiridos, dos

interrogatórios não é capaz de capturar. Por isso o livro que você tem nas mãos é um livro necessário. Mais do que uma "literatura de testemunho", um exercício de pensamento e sensibilidade que busca, ao elaborar seus paradoxos, encontrar sentidos para a construção da máquina repressiva do Estado - da máquina de moer carne - posta em funcionamento pela ditadura

civil-militar (1964-1988) e para a resistência que se levantou contra ela. Para discernir as raízes da violência de classe numa sociedade herdeira de 300 anos de escravidão, assentada na compreensão de que o domínio de classe se consoma com o aniquilamento de quem contra ele se levanta. Se é verdadeira essa percepção, você têm nas mãos um livro indispensável.